

## Tenho muito que fazer!

J. Santos Simões

Julgava eu que já tinha chegado a uma idade em que me era possível dizer não a todo o tipo de solicitações, mas, afinal, cheguei à conclusão que estava enganado.

Há mais de meio ano que o Prof. Doutor Lúcio Craveiro da Silva me deu conta de o Conselho Cultural estar a preparar uma distinção para a minha pessoa.

A minha reacção imediata foi negativa (que ele não aceitou), mas com o rodar do tempo não se falou mais no assunto e eu julgava-o ultrapassado. Mas não.

O Prof. Lúcio voltou à carga e, dada a minha velha amizade e admiração pelo ilustre Mestre, a resposta foi um *nim* que depois se transformou em *sim*.

Acrescia ainda o facto de ser a Instituição universitária (que me merece óbvio respeito e admiração), através do seu Conselho Cultural, que promovia a iniciativa.

E como se não bastassem estas provas de amizade, aqui estou hoje, em época resseca da vida, obrigado a um incómodo *to strip to the skin*.

Ao Prof. Doutor Lúcio Craveiro da Silva, referência incontornável da UM, com uma exemplar carreira científica, primeiro Reitor eleito da UM, Presidente do Conselho Cultural desde a criação deste órgão universitário, devo também as belas palavras que como colega da Comissão Instaladora aqui me quis dirigir.

Ao meu prezado Amigo Dr. António Gama Brandão, uma amizade de quarenta anos, pediatra distintíssimo que sempre se bateu, também nos jornais (onde exerceu e exerce notável magistério), pela superação das terríveis condições materno-infantis que marcavam a região, homem de afectos e possuidor de uma escrita expressivo-poética, a reafirmação da minha velha amizade num agradecimento muito sentido.

Ao Prof. Doutor Licínio Lima que conheço desde os tempos da Comissão Instaladora, creio que através do Prof. Doutor João Evangelista Loureiro, o grande inovador na formação de professores, deve a Universidade portuguesa a obra exemplar que através da Universidade do Minho tem feito no domínio da formação de formadores para o Ensino Básico. Creio bem que esta acção não tem estado a ser devidamente aproveitada nos Palops e, agora, em relação a Timor. E é pena que tal aconteça. Para além da consolidação política dos diferentes estados e do fortalecimento dos laços afectivos com Portugal, ela propicia uma vertente imediata, não despidianda, no plano económico (livros e jornais). Uma palavra de gratidão pela amizade com que se referiu à minha batalha (perdida) pela democratização do ensino.

Desde que, finalmente, fui confrontado com a inevitabilidade desta reunião, procurei fazer uma avaliação dos motivos da mesma.

É claro que quem chega aos 76 anos, com 60 deles dedicado à vida associativa nos seus diferentes matizes, alguma coisa tem de encontrar, para contar, principalmente ao serviço dos outros e com inegável satisfação pessoal.

Esta dedicação ao associativismo não foi nenhuma opção de vida para os tempos livres e menos ainda ditada por um qualquer exemplo ou tradição. Sou filho de terra pobre de gente pobre e talvez isso tenha sido estímulo ao companheirismo e à solidariedade. Na política, indubitavelmente, foi-o: nunca atraítoei as minhas raízes. E no enlace sócio-político foi sempre meu entendi-

mento que tanto uma actividade como outra, não podiam por si sós ser fonte de rendimentos e menos ainda fontes de dolos ou cornucópias de chorudos proventos. No associativismo ( ou pelo menos na grande maioria dos casos) como na política, devemos exercer actividades complementarmente com a nossa profissão (ou temporariamente em sua substituição), sempre a favor do bem comum e, portanto, nunca remuneradas (ou remuneradas no exacto valor da profissão que se exerce).

Saindo do reino da utopia, é melhor cairmos no da realidade e verificarmos a satisfação produzida junto dos nossos semelhantes quando é possível ajudar a propiciar desafios no campo da cultura, do recreativo ou do social. As pessoas descobrem em si potencialidades adormecidas que num instante se abrem para os rasgados horizontes da solidariedade em qualquer uma daquelas áreas. E se na juventude vivi em alfbres de entusiasmo que com o transplante deram origem a novos entusiasmos, em Guimarães, já lá vão 42 anos, vim encontrar chão ubérrimo onde nem sequer era necessário lançar sementes mas apenas dizer o nome delas.

Gente generosa de meia idade e gente nova a explodir em avidez de aventuras, em dez anos saíram do século XIX e galgaram meio século do XX para se encontrarem consigo próprios no seu tempo.

Só por si foi exaltante viver esses tempos heróicos em que, contra ventos e marés (e uns e outras eram de respeito), se venceu uma vez mais em S. Mamede para gozar da nossa liberdade!

Não falo em nomes, mas tanto os vivos como os mortos estão hoje aqui comigo.

Se me detenho um pouco nesta matéria é porque ela foi e é o sal e a pimenta de toda a minha vida.

E o corte transversal do muito ou pouco que tenho feito faz surgir a minha actividade profissional traduzida em 41 anos de ensino formal, mais seis de explicações onde nada foi fácil para mim.

E noutra faixa vem a política. 30 anos até 74 e mais 12 depois de Abril.

Perseguido pela polícia política nos tempo de Salazar e Caetano por ser “comunista”, continuei a ser perseguido depois do 25 de Abril por ser “comunista”. Esta última situação esclarece-se em meia dúzia de palavras. Em 1975, indigitado para Governador Civil de Braga não fui escolhido pelo tal motivo; indigitado para Ministro da Educação, após audiência com Vasco Gonçalves não fui aceite por Spínola, e a justificação foi a mesma. Em 1979 fui eleito pelos meus pares para Director da Escola do Magistério Primário de Guimarães. O ministro socialista Sottomayor Cardia, democraticamente, preteriu-me. E a verdade é que nunca pertenci ao Partido Comunista, nem antes nem depois de Abril.

Podia ficar-me por aqui porque num conjunto de publicações que editei já prestei contas do que foi a minha actividade ao longo dos anos. Como sou homem de boas contas (mesmo quando me não digam directamente respeito) resolvi prestá-las publicamente e quase sempre de uma forma factual.

Mas não creio que possa considerar-se imodéstia o que afinal é um retrato seco e esquemático de uma vida que ainda não acabou...

Pela mão do associativismo da minha pequena Vila, além do convívio com amigos da minha idade e outros naturalmente mais velhos, descobri a magia da rádio e o choque emotivo da declaração de guerra no Setembro de 1939. Mas antes já tinha vivido outras diferentes emoções extra-associativas: aos 8/9 anos o primeiro encontro com o cinema por obra e graça de Charlot e de uma máquina de 9.5 m/m alimentada por energia eólica e os preliminares da guerra de Espanha que **ainda hoje vejo** nas páginas de “O Século”.

Depois foi a Coimbra dos meus amores com a vida polarizada no estudo, na Associação Académica e no Teatro dos Estudantes. Pertenci aos corpos gerentes da AAC e do TEUC sempre eleito por voto directo e secreto. Fechei o ciclo sendo Presidente de ambos no mesmo ano. Com o TEUC corri a Europa, o Brasil e as antigas colónias portuguesas de África. No início da década de 40 iniciei em Coimbra as minhas actividades políticas, obviamente clandestinas por estar em desacordo com o Regime de então.

Depois de licenciado não pude candidatar-me ao ensino oficial e leccionei no

ensino particular pese embora o Ministério da Educação não me ter passado o respectivo diploma, o que só viria a acontecer 4 anos depois.

Em 1957 e por interferência de amigos ligados à Associação Académica, consegui candidatar-me (bem como minha mulher) a professor provisório do ensino oficial e fui colocado na então Escola Comercial e Industrial de Guimarães.

No final do ano já estava a ensaiar teatro no então chamado Grupo Musical "Ritmo Louco", actividade em que me manteria durante 38 anos, sendo 36 a dirigir o Teatro de Ensaio Raúl Brandão. Durante todo este tempo fui um colaborador assíduo de uma colectividade de homens generosos encabeçados pelo Jaime Martins. O Grupo pouco depois da minha chegada passou a denominar-se Círculo de Arte e Recreio. Entretanto, verificava-se um facto insólito, sempre que se queria ver um filme bom tínhamos que deslocar-nos ao Porto ou a Braga. E, por isso, em Maio de 1958 nasce o Cine-Clube de Guimarães. O mesmo se passava com os livros e, assim, com um conjunto de Amigos decidimos criar a Livraria Raul Brandão.

De Coimbra para Guimarães tive um interregno político só retomado após o furacão Delgado.

A década de 60 foi fértil em acontecimentos. Fui afastado compulsivamente do ensino (1961), iniciaram-se as guerras coloniais, recomeço a minha actividade política, agora no distrito de Braga, inicia-se uma consolidação das estruturas da Oposição Democrática neste Distrito que se manteve até ao 25 de Abril e depois se reforçou; quase no fim da década (1958) fui preso pela PIDE e em 1969 a Oposição atinge o mais elevado grau de eficácia na campanha, dita "eleitoral", para a Assembleia Nacional. E, entretanto, fui dando as minhas aulas no ensino particular (num Colégio e em casa), e mantive a minha assiduidade associativa no Cine Clube e Círculo de Arte e Recreio ensaiando e fazendo espectáculos com o Teatro de Ensaio Raul Brandão.

A década de setenta foi pródiga de acontecimentos: desde a criação do Infantário Nuno Simões, da CERCIGUI, da Universidade do Minho, da Cooperativa "O Povo de Guimarães" quase tudo tendo por pano de fundo Abril ou as esperanças em Abril.

E é com este calor primaveril que sou integrado (não pacificamente) no ensino oficial (25 de Abril de 1974).

E em 1975, o então Secretário de Estado do Ensino Superior, Prof Avelãs Nunes, indigita-me para a Comissão Instaladora da UM e vem a Braga dar-me posse. Mas antes já o Prof. Lloyd Braga me havia recebido e dado uma informação completa acerca do que a Comissão já havia feito nos seus primeiros meses de trabalho.

A minha opinião acerca do trabalho da C.I. há algum tempo está publicada. Não quero deixar de reiterar a satisfação por ter tido a oportunidade de trabalhar com tão notável conjunto de personalidades de diferentes áreas e graus académicos e diferente formação ideológica que, ao longo de seis anos, sempre decidi por consenso. Não foi só uma base de confiança e amizade que rapidamente se estabeleceu, foi antes de mais nada o sedutor alvo a atingir: a criação de uma Universidade.

E nada foi facilitado à sua acção. Nem as condições políticas, nem a colaboração das populações. Em relação às primeiras, só o dinamismo, coragem e determinação do Prof. Lloyd Braga podia e pôde vencer tantos e tão diferentes obstáculos. Em relação às segundas, ninguém curou de saber dos méritos da proposta independente e racional da C.I. ao pretender instalar a Universidade à beira do Ave junto às Taipas. Perturbaram e atrasaram a instalação de **uma** Universidade com manifesto prejuízo para Guimarães. Os reclamantes desta última cidade em vez de apoiarem a posição da C.I. guerrearam-na, não reflectindo que Guimarães desde Francisco Agra que não tem peso político determinante a nível do poder central. Ao contrário de Braga teceram muito bem tecida a corda em que enforcaram legítimos interesses desta cidade tão necessitada de renovação de postos de trabalho.

E até as ligações rodoviárias com Braga ficaram prejudicadas porque faltou o argumento Universidade para criar a indispensável auto-estrada a unir estes dois centros. Quando a demagogia se junta à ignorância atrevida, temos sempre um poderoso explosivo. Hoje, não há nada a fazer senão preparar o futuro, não de uma, mas de duas universidades a vinte quilómetros uma da outra!!

Mais do que os interesses criados, os interesses ameaçados fizeram os seus danos, eles que ao longo dos anos tinham sido incapazes de vencer a rotina. Foi também o que aconteceu com a CERCIGUI, obra exemplar ao serviço de estratos da população completamente abandonados à mais dolorosa incúria. Ela aí está, capaz de uma resposta mais ampla se os poderes do Estado conseguirem perceber até onde podem ir os limites de uma solidariedade esclarecida.

E se a minha actividade começou ligada ao associativismo, bem longe estava de admitir que iria concluir o meu longo ciclo de actividades numa associação e, para mais, numa prestigiadíssima Sociedade cultural. Não, não vou aqui fazer qualquer história deste *ex-libris* vimaranense. Apenas exemplificar o que deve ser uma equipa de trabalho, repor a verdade dos factos por uma questão de justiça e rematar.

Não é verdade o que se diz dos meus méritos na Direcção da Sociedade Martins Sarmento. Nem de perto nem de longe. Até porque isso era humanamente impossível. Trata-se de facto de uma gestão complicada se a queremos levar a sério e mais complicada ainda se a enriquecermos com iniciativas. Ora só o sector de gestão dos bens imóveis e as obras a que em muitos casos nos vimos obrigados a fazer assoberbaria uma Direcção e tudo isso foi completamente gerido com prudência e conhecimento pelo vice-presidente António Ribeiro; a tesouraria foi pelouro sempre entregue à experiência e saber de um homem meticuloso e prudente, presença constante na Sociedade, Francisco Ramos Martins Fernandes, a renovação administrativa e seu acompanhamento estão nas mãos experientes de um sóbrio, dedicado e eficiente director, José Fernando Alves Pinto, a orientação da Revista de Guimarães e das nossas publicações se não deve tudo, deve quase tudo à inteligência e saber de Amaro das Neves que acumula com Maria Helena Abreu e Alberto Lameiras responsabilidades de investigação. Este último, para além desta actividade, garante a qualidade informática com a divulgação das nossas iniciativas na *internet*. Maria Helena é para além da sua formação ao serviço da Sociedade a nossa *relações públicas*. Se a esta equipa, pois de uma equipa se trata, juntarmos um pequeno mas eficiente quadro de funcionários, com os administrativos completamente integrados nos mais modernos processos informáticos e tendo como chefe de fila uma eficiente técnica

superior, dinâmica, arrumada, inventiva, Maria José Meireles, pergunto eu, que mais é preciso acrescentar? E acabo por me interrogar: afinal eu estou ali só para colher os louros dos outros. Não é bem assim porque estatutariamente sou eu o responsável por tudo... E também nisto não há qualquer mérito ou acréscimo de responsabilidade porque tudo é feito numa base de permanente confiança mútua. Resta para mim o trabalho de coordenar tão eficiente equipa e a isto se reduzem os meus méritos.

Acrescente-se que ao longo de quase meio século fui sempre publicando uns livritos e ando há mais de meio século a escrever na Imprensa portuguesa.

E pronto. Desejava ter sido muito mais breve mas não tive tempo para tal.

Deixem que antes de acabar renove os meus agradecimentos ao Conselho Cultural neles envolvendo a sua *alma mater* e uma palavra especial para um dos seus mais activos colaboradores, engenhoso *agitador cultural* de uma Braga renovada, o meu muito prezado Amigo Henrique Barreto Nunes.

Uma palavra de apreço e agradecimento para o Vice-Reitor deste *Campus* de Azurém, Prof. Doutor Carlos Bernardo, por uma vez mais me acolher nesta sua Universidade.

A todas as minhas Amigas e Amigos que, contra vontade minha, obriguei a sair de casa nesta tarde de invernã, o meu reconhecimento.

A quantos com quem colaborei e colaboro nas várias frentes de batalha cultural a certeza de que podem sempre contar comigo.

A essa legião, já é uma legião!!, de amigos que debruçados da varanda do éden nos acompanham emocionados por não os esquecermos, os desejos de que instiguem os deuses a combater o egoísmo e o individualismo.

E finalmente, uma comovida palavra de agradecimento para minha mulher, companheira de todos os instantes, solidária e combativa, determinada, que comigo lutou ombro a ombro, gerou e criou os filhos, tratou da casa e exerceu sempre com zelo, assiduidade e competência a sua profissão; todo o meu amor para meus filhos a quem tantas vezes sacrifiquei horas e horas que eram



suas, que li nos seus olhos a ansiedade nos momentos de maior tensão política e que sempre foram os meus melhores companheiros e me deram (com os meus queridos genro e nora) essas belezas de netos que me permitem ver para além de mim; à Firmina um apoio seguro, mais do que familiar, que foi e é um dos garantes da minha tranquilidade.

E um abraço para meu irmão que aqui não podia estar e por isso nem sequer adivinha esta festa.

Não sei se estas palavras seriam adequadas a um testamento ou a uma qualquer declaração de últimas vontades, mas a verdade é que ainda não estou a pensar em morrer por uma simples razão: Tenho muito que fazer!

É que para descansar temos uma eternidade.

Obrigado a todos.